



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ESCREVER E RESCREVER: UMA PRÁTICA INTERATIVA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

Maria da Natividade Marinho Câmara
nativacamara@hotmail.com

Eliane Maria Dias
elianedays@hotmail.com

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/Campus Pau dos Ferros
Centro de Apoio ao Deficiente Visual*

RESUMO

Este artigo versa sobre um estudo que teve como objetivo apresentar como o docente desenvolve a prática de escrita e reescrita de textos no processo de aprendizagem da língua portuguesa no Ensino Fundamental - Anos Iniciais. Observamos a escrita e reescrita de textos produzida pelos alunos no processo de aprendizagem de Língua Portuguesa a partir do repertório dos alunos e seus próprios recursos linguísticos e discursivos. A perspectiva considerada neste estudo é que as práticas de escrita desenvolvidas na sala de aula com a mediação do professor possibilite um trabalho de produção textual, considerando o aluno como ponto de partida para a reflexão sobre o uso da língua em seus diferentes contextos.

Palavras-chave: Escrita, Reescrita, Língua Portuguesa, Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This article refers to a study that aims to show how the teacher develops the practice of writing and rewriting texts in the process of learning the Portuguese language in Elementary Education, Early Years. We note the writing and rewriting of texts produced by students in the Portuguese language learning process from the repertoire of students and their own linguistic and discursive resources. The perspective used in the study is that the writing practices developed in the classroom with the mediation of the teacher enables a textual production work, considering the student as the starting point for thinking about the use of language in its diverse contexts be.

Keywords: Writing, Rewriting, Portuguese, Elementary School.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

1 INTRODUÇÃO

O ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa vem sendo discutido acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no Brasil. No ensino fundamental, o eixo principal diz respeito à questão da leitura e da escrita. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira¹ (INEP, *on line*), cerca de 59% dos estudantes brasileiros chegam à 4ª série do Ensino Fundamental sem desenvolver competências e habilidades básicas de leitura. E cerca de 50% dos alunos na região Sul do país, onde encontra-se maior parte da riqueza nacional, estão em situação crítica para ingressar no 3º ciclo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), afirmam que o ensino de Língua Portuguesa tem sido marcado por uma sequenciação de conteúdos que se poderia chamar de aditiva: ensina-se a juntar sílabas (ou letras) para formar palavras, a juntar palavras para formar frases e a juntar frases para formar textos. (BRASIL, 1997, p. 35), ou seja, o aluno inicia construindo textos sem coerência, por meio de uma abordagem espontaneísta na sua alfabetização escolar. Os textos nesta abordagem aditiva não podem ser considerados textos, pois servem somente para ensinar a ler.

A produção de texto deve ser vista como um trabalho que o professor atue como mediador entre o texto e o aluno, fazendo as intervenções necessárias, de modo que seus apontamentos sirvam para reflexões e amadurecimentos dos alunos e eles acabem melhorando suas produções textuais. Nesta concepção, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), propõem que o trabalho com produção de textos tem como finalidade formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes (BRASIL, 1997, p. 65). Assim, é preciso que o autor do texto busque uma escrita mais elaborada no seu texto de acordo com suas finalidades, no sentido de entender a produção textual como algo que possa ser ampliado no processo de construção da escrita e reescrita.

A partir desse panorama, apresentamos neste artigo os resultados de um trabalho desenvolvido na disciplina Ensino-aprendizagem de Leitura e Escrita, que abordou o processo de escrita e reescrita de textos produzidos pelos alunos em sala de aula com a interação do professor. Conforme os pressupostos teóricos de Fuga e Menegasse (2012), essa prática



conduz à melhoria do produto, além dos alunos refletirem sobre sua escrita. Para tanto, o objetivo principal é apresentar como o docente desenvolve a prática de escrita e reescrita de textos no processo de aprendizagem da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental/Anos iniciais. Assim, observamos as aulas do professor e as produções dos alunos do 5º ano, analisamos essas práticas de produção textuais, objetivando compartilhar tal experiência com os alunos do curso de letras através de uma mesa-redonda no IV Seminário Geral de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho aborda os seguintes momentos: inicialmente, para a sua configuração, foi feito um estudo teórico sobre o tema a ser desenvolvido na disciplina Ensino-Aprendizagem de Leitura e de Escrita que suscitou em nós o desejo de observar como o docente desenvolve a prática de escrita e de reescrita de texto no processo de aprendizagem de Língua Portuguesa. A observação, segundo Sampaio (2012, p. 262), consiste em uma técnica importante para o pesquisador, pois pode ser utilizada na constituição do *corpus*, para o registro de diversas situações relevantes ao trabalho de análise dos dados quanto ao redirecionamento de certos aspectos.

Foi com a inspiração nessa técnica que, no dia 05/12/2014, partimos para a observação das práticas de produção textual em uma escola de rede estadual de ensino no município de Apodi, no estado do Rio Grande do Norte. Constatamos que o procedimento da prática interativa da professora entre o texto e o aluno era frequente na atividade pedagógica de produção de texto, numa turma de 25 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. A professora desenvolveu a produção textual a partir da leitura oral de um conto literário, mobilizando posteriormente a escrita e reescrita. As informações referentes à observação foram registradas passo a passo em forma de anotações, com vistas à discussão em mesa-redonda no IV Seminário Geral de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa. É bom



lembrar que estiveram presentes, neste momento de socialização dos resultados obtidos, os alunos do curso de Letras do Campus Pau-dos-Ferros – CAMEAM/UERN. Ressalta-se, ainda, que todo o trabalho aconteceu inteiramente no momento determinado, permitindo a constatação do processo de escrita e reescrita na aprendizagem de Língua Portuguesa, configurando-se nesta produção científica.

3 – ABORDAGEM SOBRE A ESCRITA E REESCRITA

A escrita não é uma mera transmissão da fala. No contexto do qual parte o ensino de Língua Portuguesa, os alunos muitas vezes aprendem a estabelecer certas relações de significação com a palavra escrita. Alguns, por exemplo, sabem escrever seus nomes, reconhecem títulos de filmes, nomes de produtos nos supermercados, embora não consigam, fazer uso das letras e palavras em outras situações da linguagem escrita. Daí, sem deixar de lado o conhecimento que os estudantes já apresentam, o professor deve proporcionar aos alunos muitas oportunidades para que escrevam coisas significativas para os leitores, a quem desejam informar, convencer e comover. Dessa forma, eles vão descobrindo que são capazes de escrever para satisfazerem suas necessidades, que podem aspirar a uma vida melhor. Segundo Vygotsky (1998), a escrita é um processo complexo que deve ser ensinado a fim de que a criança a internalize e produza com autonomia.

Nesse sentido, o desafio para o professor em sala de aula é mostrar para os alunos que escrever é produzir sentido, que o autor do texto é o primeiro leitor a ser atingido pelos efeitos de sentido provocados por seu esforço de mobilização dos recursos expressivos historicamente construídos na língua. Essa capacidade surge do trabalho de escrever e do diálogo do texto resultante desse trabalho com seus leitores, tal diálogo só faz sentido se for subsidiar a reescrita do texto, com a finalidade de construir, a respeito do assunto, com a clareza possível nesse momento histórico, pelo qual passa o autor.



De acordo com Fuza e Menegassi (2012, p.43) a escrita é concebida como processo contínuo. Logo, a escrita e a sua reescrita são “um momento no percurso desse processo, sempre possível de ser continuada”. Portanto, a produção de texto deve ser pensada minuciosamente, e reescrita para qualificá-los.

Diante disso, a reescrita não é para adequar conteúdos às verdades estabelecidas pela ciência, nem também consagrar que escreveu no texto à determinada área de conhecimento, mas é principalmente levar o autor do texto a repensar a pertinência dos dados com que está lidando, a coerência do texto que apresenta, adequação entre dados, levá-lo a perceber lacunas nas informações que expõem e a se perguntar para que vai servir o que está escrevendo.

É neste processo em que o professor interage nas produções do aluno postulam-se as diferentes operações linguísticas de adição ou acréscimo, suspensão, substituição, deslocamento (FABRE, 1986, apud MENEGASSI, 1998, p. 44, 45), que naturalmente são relevantes na reescrita do texto para que ele seja bem compreendido e transmitido com maior clareza as suas mensagens.

Nos últimos vinte anos, vem sendo discutido como é constituída a aprendizagem da escrita. Os PCNs (1997, p. 66), nos diz que:

Aprender a escrever envolve dois processos paralelos: compreender a natureza do sistema de escrita da língua – os processos notacionais e o funcionamento da linguagem que se usa para escrever – os aspectos discursivos; que é possível saber produzir texto sem saber grafá-las e é possível grafar sem saber produzir: que o domínio da linguagem escrita se adquire muito mais pela leitura do que pela própria escrita; que não se aprende ortografia antes de se compreender o sistema alfabético de escrita; e a escrita não é espelho da fala.

Para que esses dois aspectos se desenvolvam, é fundamental considerar os alunos como escritores plenos capazes de produzir textos diversos, para cumprir com o propósito característico da escrita, pois escrever não é simples, principalmente quando se está aprendendo. É na aproximação entre a intenção de se escrever e a interpretação de quem lê que se caracteriza a eficácia da escrita. A escrita é concebida como um processo contínuo



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

(FUZA e MENE GASSI, 2012, p.34), devendo ser explorada através da reescrita, resultando num trabalho planejado de tal forma que os alunos aprendam a escrever, escrevendo.

Fuza e Menegassi (2012), apoiado em outros autores, apontam que algumas experiências com a reescrita tornaria o texto frio, sem emoção; e para outros, só deve ser feito se o primeiro for ruim. Nessas situações, é importante lembrar que para escrever é preciso ter boas referências - não se pode criar do nada. Por essa razão, para formar bons escritores, faz-se necessário uma prática continuada de produção de textos para qual a intervenção pedagógica tem muito a contribuir. Assim, na perspectiva de aprofundar a discussão sobre escrita e reescrita do aluno do ensino Fundamental/Anos Iniciais, será relatado, na sequência, o trabalho desenvolvido na sala de aula com a referida temática. Para tanto, foi realizada a observação das aulas da professora e as produções dos alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental numa escola da rede estadual de Ensino em Apodi, Rio Grande do Norte.

4 - EXPERIÊNCIA COM A ESCRITA E REESCRITA: UMA PRÁTICA INTERATIVA

A experiência que será relatada neste trabalho tem como foco principal a produção de texto dos alunos, à qual se constitui por meio de uma prática interativa, que visa auxiliá-los no processo de reescrita de suas próprias produções.

Para demonstrar esse processo, partiu-se da observação da aula da professora que possibilitou o desenvolvimento da análise de uma produção textual, realizada em 05/12/2014, numa turma de 5º Ano do Ensino Fundamental.

Os alunos iniciaram o trabalho com a temática “História Encantada”, gênero literário, traduzida e adaptada por Irami. B Silva e Erdna Peragine (1988), com o texto “Chapeuzinho Vermelho”. Essa produção teve como motivação a leitura oral do texto, feita pela professora, no sentido de instigar os alunos para a escrita.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Após a leitura do texto, houve um questionamento oral sobre a narrativa. Em seguida, foi dada a orientação para a produção de texto. A professora solicitou aos alunos que recontasse a história que acabaram de ouvir a partir do seguinte direcionamento que ela propôs: “Leiam, com atenção, as instruções e com base nela produzam o seu texto”. Ela expõe no quadro as seguintes instruções:

Produção textual (reconto da história)

Introdução:

- A apresentação dos fatos iniciais;
 - de que que trata o texto;
 - personagens e suas características;
 - substituição dos personagens;
 - local onde acontece a história;

Desenvolvimento:

- Aspectos que ampliam ou explicam as ideias principais:
 - como se desenvolve o acontecimento ou a resolução foi adequada à complicação sugerida
 - sequência temporal e especial dos fatos.

Conclusão:

- Fechamento das ideias;
- Avaliação e posicionamento do autor.

Nesta etapa de desenvolvimento da escrita do aluno, observamos que a professora interagiu nas produções individuais, pois à medida que circulava na sala, os alunos faziam algumas perguntas, como: tem que ter três parágrafos? Pode mudar o nome da menina? O



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

lobo pode ser substituído por outro animal? Ela respondia como forma de auxiliá-los no momento da produção. As crianças iam assimilando as características de um texto narrativo e construindo da forma mais espontânea possível.

Para a reescrita, foi escolhido um texto produzido pelo aluno e exposto no quadro, considerado um conto infantil, tendo em vista seu caráter narrativo - os personagens, o espaço, principalmente sua temática relacionada ao fantástico. Foi feita a leitura oral juntamente com os alunos. O critério da escolha foi a forma de organização do texto e a permanência de palavras com troca de letras.

Quando o texto foi concluído, no quadro, foi realizada a leitura coletiva, com muito entusiasmo. Todos começavam a mostrar o conhecimento do que estava registrado, de forma que, uns ajudavam os outros a reestruturar o texto e a observar as palavras com troca ou suspensão de letras, conforme os apontamentos da professora.

Quanto ao processo de escrita e de rescrita do texto do aluno, observamos o seguinte:

Produção Individual

Produção Coletiva



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Chapeuzinho Amarelo

Era uma ves uma menina que tinha uma avó aí a avó tava em casa doente e ela foi deixar bolo e doce. No caminho encontro o lobo mal o lobo inganou a menina e quando a menina chegou na casa da avó tinha o lobo na cama. Ela se asustou por que ele infiou a toca da avó inventando que era ela. A menina fez umas perguntas. O lobo tava com tanta fome que ingoliu a chapeuzinho. Ela gritou tanto que um caçador veio acudir e depois a menina prometeu nunca mais desobedecer a mãe. A chapeuzinho amarelo e avo se abraçaram e ficaram felizes pra sempre.

Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho. Sua avó estava doente e ela foi deixar bolo e doce. A mãe da menina disse: não mude de caminho tenha cuidado com o lobo.

Chapeuzinho Vermelho, seguiu, no caminho encontrou o lobo mau. Ele perguntou: O que você faz nos bosques sozinha? Ela respondeu: vou à casa da minha avó que está doente. Ele falou: vá por este caminho que chegará mais depressa. O lobo enganou a menina e quando ela chegou na casa da avó, encontrou o lobo na cama. Ela assustou-se, porque ele enfiou a touca da avó na cabeça inventando que era a vovozinha. A Chapeuzinho muito assustada fez varias perguntas. O lobo estava com tanta fome que engoliu a menina. Um caçador ouvindo os gritos veio salvá-las.

Chapeuzinho Vermelho e a avó depois de salvas pelo caçador se abraçaram e ficaram felizes para sempre e a menina prometeu nunca mais desobedecer a mãe.

O texto coletivo se constituiu paralelamente ao texto do aluno, conforme os questionamentos que a professora ia fazendo: Está faltando alguma coisa? Precisa melhorá-lo? Se a turma tinha entendido o que o autor tinha escrito - forma do texto (prosa ou verso). O texto tem começo, meio e fim? A professora se utilizou do procedimento de formular questões, que segundo Cristenson (2002) é um efetivo meio de direcionar, desenvolver os estágios do processo de reescrita coletiva dando abertura para um processo de aprendizagem. Considera-se, no entanto, que o texto coletivo é fruto de um trabalho em que há negociação de palavras e de sentido. Segundo Maia (2007, p. 122), deve-se evitar que o texto se restrinja às ideias de duas ou mais crianças, assim também, como a participação de muitos não deve transformar o texto num amontoado de frases sem nexos. Diante disso, no processo de



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

construção, a professora tomou algumas precauções na medida em que questionava a sequência de fatos, pois é uma atividade trabalhosa, porém valiosa e proveitosa.

É importante dizer que o diálogo na narrativa produzida mostrou os pontos de ligação entre o ouvir e o criar história. Outro aspecto contido no texto, foi a contemplação de conteúdos, sem delimitação do gênero literário. A professora relacionou ao texto o trabalho com a ordenação de parágrafos, sempre na busca de organizar a construção de ideias, com a sequência de informações, com o aprimoramento da narrativa na perspectiva de torná-la coerente e coesa. Dentro do próprio texto foram destacadas palavras para a revisão da ortografia, conforme o padrão da gramática: casador e caçador; deichar e deixar; asustou e assustou. Posteriormente, ela pediu para os alunos compará-las e verificar se existia diferenças entre elas.

Constata-se, neste momento, que a prática interativa da professora obteve efeito no texto do aluno e que os procedimentos propostos constituíram momentos de interação com os usos reais da linguagem. Diante disso, Maia (2007, p. 122) postula que “a criação não deve ocorrer no vazio de palavras isoladas ou de frases descontextualizadas”.

Durante o processo de desenvolvimento das atividades, foi vivenciado o monitoramento nas produções textuais e cada situação passaria pelo planejamento, pois os alunos se preocuparam com as variáveis priorizadas pela professora para o desenvolvimento do conteúdo em questão.

5 CONCLUSÃO

Nas discussões que realizadas neste artigo, um aspecto que parece fundamental é o processo de escrita e reescrita numa prática interativa desenvolvida na sala de aula. Verificase que uma professora do 5º ano do ensino fundamental, desenvolveu um prática de escrita e reescrita de textos no processo de aprendizagem de língua portuguesa partindo do modelo de conto infantil pré-estabelecido.



Assim, a atividade de escrita, na escola, teve em mira a produção textual. Os resultados demonstraram que, por meio do processo de apropriação da escrita, os alunos foram produzindo uma narrativa a partir da história lida pela professora. A reescrita do texto paralelo a um trabalho com a escrita, apresentou os elementos solicitados - Começo, Meio, Fim. O produto inicial o “Texto” ainda apresentou problemas formais gráficos e de reestruturação. Considera-se que isto aconteceu porque a escrita é um processo complexo (VYGOTSKY, 1998). A postura da professora diante das situações apresentadas, foi de intervir nos textos dos alunos apontando caminhos para melhoria progressiva.

A professora optou pelas alternativas individuais e coletivas para a realização do trabalho com a escrita e a reescrita das produções textuais dos alunos. No processo de produção coletiva o encaminhamento docente se deu por algumas questões, sempre levando em consideração para quem se escreve e em que situação o texto será lido. A leitura em voz alta na sala de aula possibilitou que os alunos se familiarizassem com o padrão de composição do gênero.

Por conseguinte, a nossa contribuição é demonstrar que a prática desenvolvida na aprendizagem de língua portuguesa foi um efetivo meio de direcionar e desenvolver os estágios do processo de escrita, o que desencadeou o processo de reescrita dando abertura para um processo de aprendizagem. Isso nos conduziu a pensar na formação acadêmica dos alunos que encontravam-se em fase de estágio supervisionado de língua portuguesa.

Esse ponto nos chama atenção, para apresentar a experiência observada aos graduandos em letras, que, posteriormente, estarão recebendo o título de professor de Português. Estes alunos vivenciam muitos empasse, tem muitas dúvidas em relação à prática docente, e, no futuro, percebem que existe distância entre teoria e prática.

Portanto, através do cumprimento de todas as etapas vivenciadas, é possível considerar que é escrevendo seu texto e refazendo-o que o aluno aprende e consegue se aprimorar da escrita. A prática interativa neste processo é fundamental para que o aluno se aproprie das habilidades necessárias para avaliar e reformular seus próprios textos, tornando-se um usuário da escrita eficiente e independente.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

5 REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: 5ª a 8ª séries.** Brasília: SEF, 1998.

BRASIL. **Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: 1ª a 4ª Series** Barsilia. SEF, 1997.

FUZA, A. F; MENEGASSI, R. J. Revisão e reescrita de textos a partir do gênero textual conto infantil. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 01, n. 01, p. 41–56, jan./jun. 2012.

GRIMM, Irmãos. **Chapeuzinho Vermelho.** Traduzido e adaptado por Irami B. Silva e Erdna Perugine Nahum. São Paulo: Scipione, 1988.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores.** São Paulo: Paulinas, 2007.

MENEGASSI, R. J. **Da revisão à reescrita:** operações e níveis linguísticos na construção do texto. 1998. 265.f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras de Assis/ Universidade Estadual Paulista, Assis, 1998.

NASCIMENTO, C. E. Os bilhetes orientadores da reescrita e a aprendizagem do gênero relatório. In: GONÇALVES, A, V.; BAZARIM, M. (Org.). **Interação, gêneros e letramento: a reescrita em foco.** São Carlos: Claraluz, 2009, p. 63-80.

RUIZ, E. D. **Como corrigir redações na escola.** São Paulo: Contexto, 2010.

SAMPAIO, Maria Lucia Pessoa; REZENDE, Neide Luzia de; BOMFIM Maria Núbia Barbosa. **ENSINO de Língua Portuguesa: entre documentos, discursos e práticas.** São Paulo: Humanistas, 2012.

SERAFINI, M. T. **Como escrever textos.** São Paulo: Globo, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO